



HISTÓRIA DO NOME PRÓPRIO E ÁLBUM DE FAMÍLIA: TIA, IRMÃ, AMIGA, UM ANJO EM MINHA VIDA

ZUCOLOTO, Patricia Carla Silva do Vale

Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - UCSal
patvalezuc@hotmail.com

34

RESUMO

Esse trabalho se enquadra na perspectiva da pesquisa autobiográfica e biográfica. O objetivo do trabalho foi realizarmos um trabalho autobiográfico e biográfico com base na história de um membro da família muito próximo do ponto de vista da história pessoal compartilhada. O método consistiu na realização de uma entrevista com a minha tia, que consistiu em duas partes, e na elaboração da história autobiográfica e biográfica. A primeira parte da entrevista se referiu à investigação sobre o nome próprio dela, a segunda parte foi referente ao álbum de família. Após a entrevista, foi escrita a sua história dialogando com a minha própria história pessoal e familiar, considerando os pontos de intersecção de ambas as histórias. A história do seu nome revelou o pertencimento à família. O álbum de família demonstrou que cada membro recebe a herança afetiva, psicológica e de personalidade dos anteriores. Ao escrever a história dela, em relação a minha história, foi possível perceber o relacionamento entre as duas histórias e como eu fui constituída por esse relacionamento.

Palavras-chave: Autobiografia. Biografia. Família.

ABSTRACT

This work fits in the perspective of autobiographical and biographical research. The objective was to accomplish an autobiographical and biographical work based on the story of a family member very close to the point of view of shared personal history. The method consisted of an interview with my aunt, which consisted of two parts, and the elaboration of autobiographical and biographical history. The first part of the interview referred to research on her first name, the second part was related to the family album. After the interview, his story was written dialogue with my own personal and family history, considering the points of intersection of both stories. The story of her name revealed the belonging to the family. The album showed that each family member receives affective, psychological and personality of the previous heritage. In writing her story in relation to mine it was revealed the relationship between the two stories and how I was made up this relationship.

Key-words: Autobiography. Biography. Family.



INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu de uma proposta de atividade construída em conjunto na disciplina obrigatória Família e subjetividade, ministrada pelos professores José Euclimar Menezes, Lúcia Vaz de Campos Moreira e Elaine Pedreira Rabinovich, no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da UCSal. A elaboração coletiva da proposta foi realizada pela Profa. Elaine P. Rabinovich, por mim, Patricia C. S. do Vale Zucoloto, pós-doutoranda e colaboradora da disciplina, por Cinthia B. Santos Souza, doutoranda e por outros alunos regulares do referido Programa, que frequentavam a referida disciplina.

A partir da leitura do livro sobre “Nomes de famílias: subjetividade, genealogia, juridicidade e historicidade” (2013), da autoria do grupo de pesquisa da profa. Elaine Rabinovich, e da inquietude provocada pelo meu desejo de participar do grupo de pesquisa sobre autobiografia, ou seja, pelo desejo de escrever de modo autobiográfico, sugeri à profa. Elaine, que fizéssemos algum trabalho autobiográfico na disciplina Família e Subjetividade, como costumava acontecer em semestres anteriores.

A profa. Elaine Rabinovich, uma “caçadora de relíquias familiares”, de pronto aceitou a sugestão e começamos a construir a proposta da pesquisa em sala de aula, com a ajuda valiosa de Cinthia Santos, que já tinha experimentado juntamente com Elaine, a experiência da pesquisa autobiográfica, a qual originou algumas publicações, e de outros alunos.

O tema dos irmãos apareceu como algo muito instigante, porque tínhamos lido um belo texto sobre fratria (2000) de Bernard Fourez e surgiu o desejo de fazer uma pesquisa sobre o nome dos irmãos e ainda, a investigação de como seria a construção do álbum de família destes, com base na proposta realizada pela professora Elaine Rabinovich, em 2012.

A proposta do trabalho se enquadra na perspectiva de que a autobiografia é “um caminho metodológico para explorar a condição humana” (Rabinovich, 2013, p. 21). Através dessa narrativa, é moldada uma nova concepção de si mesmo e Rabinovich (2013) considera que há uma dupla *poiesis*, onde ocorre uma “síntese de elementos heterogêneos de uma vida e a reconstrução do *self* como uma experiência poética que pode ser compreendida como uma revelação de nossa condição original, a criação de nós mesmos” (p. 21).

Então, foi delimitada a proposta de realizarmos um trabalho autobiográfico e biográfico com base na história de um membro da família muito próximo, do ponto de vista da história



peçoal compartilhada, preferencialmente, um irmão ou irmã, para o qual seria solicitada a história do seu nome e a confecção de um álbum de família, com apenas três fotos, escolhidas pelo sujeito participante, com a justificativa dessa escolha.

A pesquisa sobre o nome próprio parte do pressuposto da relevância do nome para a identificação da pessoa enquanto personalidade única e ao mesmo tempo, referida ao pertencimento à família e ainda, como identidade social. De acordo com Rabinovich (2011), “nomear é gerar uma segunda vez na medida em que o nome atribuído ao bebê o insere em uma ordem social: o registro civil, onde a criança inicia a sua existência legal e social” (p. 8). A autora confirma que a nomeação nos proporciona uma tripla inscrição: “a pessoa em relação à sociedade, a pessoa em relação a sua família e a pessoa em relação a si própria” (p. 8).

Desse modo, a proposta de conhecer a história do nome do participante nos remete à história daquela pessoa, inserida numa família, numa sociedade, mas também em relação a si mesma.

A proposta da pesquisa foi formulada e o objetivo foi realizar uma investigação sobre a história do nome da pessoa e de suas histórias familiares através da constituição de um álbum de família com três fotos apenas, a partir da escuta dos significados atribuídos a sua história pessoal e familiar.

REFERÊNCIA TEÓRICA

Os significados aqui explicitados se referem à concepção de Vigotski (2000) de significado da palavra como o reflexo da forma mais simples da unidade entre o pensamento e a linguagem, ou seja, uma unidade indecomponível de ambos os processos. O significado é considerado como um fenômeno de discurso, pois uma palavra sem significado é um som vazio. Por outro lado, o significado da palavra também é um fenômeno do pensamento, desse modo é considerado como unidade do pensamento discursivo.

Para Vigotski (2000), o significado da palavra corresponde a uma generalização ou conceito, do ponto de vista psicológico. De acordo com esse autor, a descoberta central de toda a sua pesquisa é que os significados se desenvolvem, modificam-se: “no processo do



desenvolvimento histórico da língua, modificam-se a estrutura semântica dos significados das palavras e a natureza psicológica desses significados...” (p. 400).

Vigotski (2000) considera que “o pensamento linguístico passa das formas inferiores e primitivas de generalização a formas superiores e mais complexas, que encontram expressão nos conceitos abstratos” (p. 400). Desse modo, é que afirma que “no curso do desenvolvimento histórico da palavra modificam-se tanto o conteúdo concreto da palavra quanto o próprio caráter da representação e da generalização da realidade na palavra” (p. 400).

A psicologia histórico-cultural, a partir de Vigotski (1984), considera o ser humano como ser histórico e cultural, que tem uma história individual e que é co-construtor da história coletiva, bem como se insere no ambiente cultural do qual participa. Enfim, as relações sociais são constitutivas do indivíduo humano e se constituem a partir dele (Vigotski, 1984). Vigotski explica a construção social da mente e defende que o homem se constitui enquanto homem na relação com os outros e através do uso de signos, da linguagem. A relação com o mundo e com os outros é mediada pela linguagem.

A criança vive num mundo cultural repleto de significados (Vigotski, 1984). Os significados culturais compartilhados foram desenvolvidos historicamente. O homem é criado pela história e a cria. Alguns significados permanecem e outros se modificam.

Criar sentidos ou significações é o que nos distingue dos animais (Vigotski, 1984). A partir de Vigotski, podemos considerar que o nascimento da criança é duplo: nascimento biológico e cultural. Já nesse momento inicial da vida da criança, ou antes, quando ainda é um feto no ventre materno, há a presença de diversos discursos acerca desse bebê humano.

A teoria de Vigotski é uma teoria do desenvolvimento psicológico que enfatiza o que nos distingue de outros animais, ou seja, o uso dos sistemas de signos (a linguagem, a escrita, o sistema de números) e as funções psicológicas superiores. É uma teoria que apresenta como a cultura passa a fazer parte do indivíduo.



MÉTODO

PARTICIPANTES E INSTRUMENTOS

Deveria ser escolhido um dos nossos irmãos para uma entrevista, caso não houvesse irmãos, poderia ser meio-irmãos, co-irmãos, irmãos adotivos ou irmãos por afinidade também (Oliveira, 2005). Caso não conseguíssemos ninguém dentro dessa categoria, poderia ser considerado como sujeito um primo-irmão ou prima-irmã ou ainda um parente bem próximo em termos de história pessoal e afetiva, cujo relacionamento fosse caracterizado pela intimidade e história compartilhada.

Seria realizada uma entrevista com o sujeito e esta consistiria em duas partes. A primeira se referia à investigação sobre o nome próprio do seu irmão, primo-irmão ou parente bem próximo. Nós deveríamos perguntar:

1. Qual a história do seu nome?
2. Quem deu esse nome para você?

A segunda parte da entrevista seria referente ao álbum de família. Nós deveríamos propor as seguintes questões com a seguinte consigna:

Agora imaginando que você fará um álbum de família, escolha três fotos.

1. Qual seria a primeira foto do álbum? Por que? Conte a história da foto?
2. Qual a seria a foto do meio? Por que? Conte a história da foto?
3. Qual seria a última foto? Por que? Conte a história da foto?

Após colher a história do parente, nós deveríamos escrever a sua história dialogando com a nossa própria história pessoal e familiar, considerando os pontos de intersecção de ambas as histórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho começou com um grande desafio para mim, escolher para quem fazer a proposta da entrevista. Foi pessoalmente difícil encontrar a coragem de propor a pesquisa a alguma das minhas irmãs por parte de pai. Elas estavam muito ocupadas com suas tarefas da



própria vida e dos seus familiares mais próximos e também, eu acredito que estávamos passando por um momento de reestruturação das relações entre nós. Considerando esses aspectos, eu não tive coragem de fazer essa solicitação referente ao trabalho e percebi o quanto é mesmo difícil pedir algo para um familiar, porque se recebemos um não, isso dói mais do que com alguém não familiar, porque o recebemos de alguém de quem a gente espera um “sim” e com quem imaginamos ter uma relação de afeto que venceria qualquer obstáculo para ajudar o outro.

A outra opção dada, entrevistar um primo-irmão, também não foi possível, porque o meu primo-irmão, com quem convivi desde que ele nasceu até ele completar seis anos, também se revelou inacessível naquele momento. Estávamos bem distantes emocionalmente um do outro, nossas diferenças nos afastaram.

Então, comecei a pensar em alguém da família, bem próxima afetivamente e com quem eu tivesse convivido muito, mas que não fosse meu pai ou minha mãe, daí surgiu a idéia de realizar a entrevista com uma das minhas duas tias, que se encaixavam nessa descrição. Perguntei a profa. Elaine sobre essa possibilidade e ela consentiu. Propus a tia mais nova e ela não aceitou, daí propus a minha tia mais velha e ela concordou em participar de modo muito solícito.

Por que a escolha do sujeito tia?

Essa minha tia, que aceitou participar, é praticamente uma irmã, uma mãe e uma grande amiga. Quando nasci, ela estava com 16 anos de idade. Eu fui criada pela mãe dela, a minha avó paterna e convivi com elas durante 19 anos, quase 20, quando saí para estudar na USP-RP e não voltei mais a morar com elas, mas sempre mantivemos um relacionamento de muita proximidade afetiva, de amizade e admiração (mútua, imagino). Essa tia é assistente social, pessoa muito humana, honesta, sensível ao sofrimento dos pobres, crianças, idosos e animais. É poeta. Apresentou para mim o mundo da música, principalmente, MPB. Ou seja, a minha tia foi e é uma pessoa que fez parte da constituição da minha identidade pessoal, sendo uma influência marcante nos meus gostos e valores.

Para compreender como nossa história se cruza, preciso me remeter, de modo breve, a minha história pessoal. Poderia dizer que eu fui a 15ª filha de minha avó paterna. Quando minha avó se casou com meu avô, ele era viúvo e tinha sete filhos, que passaram a ser criados por minha avó como filhos e ainda, ela teve mais sete, o que somou catorze filhos. Eu fui criada por



minha avó paterna também, porque meus pais se separaram muito cedo, eu ainda era um bebê e como minha mãe trabalhava e estudava, a minha avó paterna ofereceu para cuidar de mim. Minha mãe aceitou a proposta, mas sempre estava presente, ia me ver todos os dias e eu também ficava com ela durante o fim de semana. Eu fui a primeira neta da minha avó paterna, filha do seu primogênito, primeira filha dos meus pais, primeira sobrinha dos meus tios e tias paternos. Fui cercada de muito amor e carinho por parte de todos, de minha avó paterna, da tia dela, dos sete filhos que ainda moravam com ela, inclusive meu pai e de minha mãe e da família dela, que morava no interior da Bahia.

Houve sempre na minha família o incentivo ao estudo e quando passei na USP, campus de Ribeirão Preto, minha avó foi a primeira a apoiar e essa foi uma boa oportunidade para realizar o desejo de morar com minha mãe, que me acompanhou nessa mudança para Ribeirão Preto. Encerraram-se aí os 19 anos de convivência com minha avó paterna e minhas duas tias, filhas dela.

Agora que está claro o grau de convivência que tive com minha tia, seguirei com a história dela, colhida através desse trabalho.

História do nome

Ao perguntar sobre a história do seu nome, a minha tia respondeu, inicialmente, que não sabia, depois pareceu se lembrar de algo e disse que a mãe dela que inventou. O nome dela tem algo em comum com o nome dos irmãos, dos sete, seis começam com a letra R e algo mais em comum com o nome da única irmã, além de começar com R, após o primeiro nome, elas têm o nome Maria, parece que era uma homenagem feita à Maria, mãe de Jesus, comum na época em que ela nasceu. Não pudemos perguntar à mãe dela sobre essa origem ou história do seu nome, porque a mãe já é falecida há onze anos e o pai já era falecido desde que a minha tia estava com mais ou menos dois anos (ela foi a 13ª filha dele).

O seu nome revela o pertencimento à família, através da identificação com o nome de seis dos irmãos que também começam com a mesma letra, e ainda, com a única irmã mulher, que também tem o nome Maria como segundo nome. Por outro lado, o seu nome revela uma originalidade, presente também na pessoa dela, porque a mãe inventou o seu nome, ou seja, ao



mesmo tempo, que ela se assemelha aos demais, algo a diferencia, há uma licença ou permissão para ser diferente, para ser única, singular e isso se reflete na dimensão da poesia, ela é poeta.

Escolha das três fotos para o álbum de família

Ao começar essa parte da entrevista, ela falou que não tinha organizado as fotos, que pretendia fazê-lo, mas dependeria de comprar álbuns. Disse-me que não encontrou o que queria. Na cama dela, estavam vários álbuns pequenos cheios de fotos. Conhecendo a minha tia, pergunto: e o que você encontrou? Falou que encontrou uma foto de “mamãe doente”, que não queria colocar esta. A minha avó, mãe dela, assim como o seu pai, teve um longo período doente antes de vir a falecer. Ambos morreram de câncer. As minhas tias, que moravam com ela, foram aquelas que acompanharam diariamente esse período difícil da vida da mãe. Ela, com certeza, queria lembrar-se de momentos mais bonitos e onde minha avó demonstrava toda a sua força e graça.

Começou a ver os álbuns e comentou sobre entes queridos, alguns dos mais queridos (eu sei), vivos e mortos. Vivos: os três afilhados, dois dos quais são meus filhos, e o papagaio Lourinho. Mortos: Evandro (o tio dela, irmão querido da mãe), a sua “mamãe” e Luna (minha cachorrinha poodle, muito ligada a minha tia).

Explico, novamente e da melhor forma possível, o propósito da pesquisa: “Tia, você escolhe três fotos, não quer dizer que não colocará outras depois no álbum de família”. Falo isso porque ela havia dito que estava difícil escolher apenas três.

A pergunta que faço é: quais as fotos de pessoas significativas você escolheria? (depois fico pensando que poderia ter dito: “ou de momentos significativos”)

1ª foto

Escolheu a primeira foto, nela está Evandro, seu tio. Ao perguntar o porquê da escolha, ela responde: “expressivo, significativo, tio querido de eterna saudade. Eterno Evandro, próximo, presente, companheiro, pela beleza interior, pela sensibilidade, poesia, música, pela humanidade contida nele, lindo. 20 anos farão que ele se foi”. Na foto, Evandro tinha mais ou menos 50 anos. Não sabe dizer a história da foto em si, mas diz que ela foi dada pela filha mais velha de Evandro, uma prima que ela tem muita proximidade até hoje e que como ela se tornou assistente social. Evandro era o irmão caçula da minha avó. Era um pai, irmão e tio muito



amoroso. Era poeta, compositor, contador, radialista, publicitário, escrevia além de poesias e músicas, contos e discursos políticos e era uma incrível pessoa humana. Morreu muito jovem, aos 50 e poucos anos, de coração.

2ª foto

Na segunda foto escolhida, está ela e o irmão Ro.. Na foto, o irmão a está abraçando e beijando o rosto dela. É o quarto filho biológico da minha avó paterna e se destaca também pela humanidade e generosidade ímpar. É um irmão muito carinhoso com minha tia. Lembrando que gestos de carinho assim são meio raros na nossa família, pois o carinho se expressa mais em palavras ou gestos concretos como dar presente, ou fazer uma comida, ou arrumar uma cama para acolher o hóspede que chega, ou levar a algum lugar de carro. O porquê da escolha: “porque é meu irmão adorador, queridíssimo. Ser único, ímpar”. A história da foto é uma foto recente, tirada no aniversário de 100 anos de minha tia avó, no caso, tia da minha tia, irmã de minha avó. Tio Ro. é também um ser humano incrível, generoso, amoroso, preocupado com os outros e mobilizado pelo desejo de justiça social.

3ª foto

Escolheu como terceira foto, uma fotografia de minha avó, que ela chama de “mamãe”. Essa foto é sugerida por mim, porque antes ela disse que queria uma foto da mãe, mas não da mãe doente, daí eu sugeri a foto que estava no porta-retrato da sala, que retratava minha avó ainda saudável e num momento de grande alegria, o aniversário dela de 70 anos. Escolheu “pela admiração, fortaleza, garra, força dela, por ser guerreira, por tudo que representou para todos nós, por ter vencido sozinha, por não ter se deixado abater pelas necessidades, a dedicação que nos legou, a vida de luta para dar o melhor dela. Enfim, por sua extrema generosidade e espírito acolhedor que ultrapassou o núcleo familiar”. Eu me emocionei nesse momento, porque lembrei da minha avó e de como ela tinha dado a vida para fazer os seus filhos viverem dignamente.

A minha avó paterna casou-se quando tinha 17 anos com o meu avô, que era um viúvo, com 42 anos, e tinha 7 filhos do primeiro casamento. Com minha avó, ele teve mais sete. Ela ficou viúva com trinta e um anos, tendo que assumir o pagamento das dívidas do tratamento médico prolongado do meu avô, o sustento da casa e dos catorze filhos. Ela passou a costurar e sustentar a casa com esse dinheiro. Conseguiu que todos os filhos se formassem e fossem bem-sucedidos profissionalmente. Também os educou dentro de uma moralidade e todos são



honestos e sérios. Minha avó amava muito os filhos e a família que ela sustentou. A minha avó faleceu em 2003, com 76 anos, tendo ajudado os seus filhos a se tornarem homens e mulheres de bem, todos formados e quase todos com sua família constituída. Os netos eram motivo de grande alegria, ela os recebia com amor e várias comidas gostosas. Minha avó sempre fazia um caldeirão de feijoada para esperar quem viesse almoçar na casa dela, mesmo sem avisar. Ela ao longo da vida deu apoio a sobrinhos e pessoas do interior que precisavam vir a Salvador. Era famosa a sua hospitalidade, o seu acolhimento aos familiares e àqueles que necessitassem de alguma ajuda. Também era famosa sua sinceridade, ela sabia ser autêntica em seus sentimentos. Ela prezava o essencial, o amor ao próximo, o respeito às pessoas, a honestidade, o esforço para chegar a ser um bom profissional e ter uma vida digna, a importância da família. Também era religiosa, era católica, rezava, principalmente pelos filhos e suas famílias, ia à missa, mas dizia que não era beata de Igreja. Ela morreu de câncer e foi uma luta longa contra a doença. No hospital, tinha uma imagem de Cristo, que ela sempre olhava e rezava pedindo forças e imagino que pedia também a cura, porque ela amava viver e amava sua família. A vida de minha avó foi de muita luta para vencer as dificuldades e cuidar e educar os filhos. Ela conseguiu cumprir essa missão de torná-los pessoas de bem. Seus filhos, meus tios e tias, sabem o valor dessa família, porque foi construída com o amor e a força de minha avó e também de meu avô.

Ao final, perguntei a minha tia sobre a ordem das fotos, se seria a que ela escolheu mesmo. Ela respondeu que não e mudou a ordem: “em terceiro, eu e Ro., em segundo, Evandro e mamãe merece o primeiro lugar, merece o pódio”. Nessa hora, mais uma vez me emocionei, porque sabia o quanto isso era verdadeiro. Minha avó de apenas 1 m e 50 cm era por sua pessoa e história um gigante da humanidade, uma vencedora e merecia o pódio, o primeiro lugar da dedicação e amor à família.

CONCLUSÕES

A experiência da realização dessa pesquisa gerou algumas reflexões sobre família e sobre a pesquisa autobiográfica e biográfica.

Percebi, ao analisar a entrevista, que cada membro recebe a herança afetiva, psicológica, de personalidade dos anteriores. Pude perceber o quanto herdei da minha tia, a sensibilidade e a



preocupação com os pobres, as crianças, os fracos, os injustiçados. Ela, por sua vez, herdou de seu tio, a poesia, de seu irmão, a humanidade e o senso de justiça e de sua mãe, a garra, a força para fazer o bem pelos que necessitam. Nós somos constituídos por esses outros tão significativos, como Wallon (Werebe e Nadel-Brulfert, 1986) e Vigotski (1984) nos deixam claro em suas teorias, e ao mesmo tempo, realizamos escolhas, porque uns nos tocam e outros não, ou melhor, nos deixamos tocar por uns e não por outros (vide Valsiner, 2012).

Ao realizar a entrevista com minha tia, pensei sobre o meu vínculo com ela e isso me levou a pensar na chegada de um novo membro em uma família: quem chega, precisa ser acolhido pelos que já estavam, é uma novidade que chega e a casa precisa ser rearrumada, o coração também, para a chegada do novo membro. Eu fui acolhida por essa minha tia, de modo muito afetuoso, como até hoje, temos uma forte ligação afetiva. É o vínculo de apego, tal como descreve Oliveira (2005): “Um vínculo de apego é evidenciado entre irmãos quando um é para o outro alguém que supre necessidades de conforto e segurança, ou seja, constitui-se base segura para o outro” (p. 106). São características do vínculo de apego fraterno, descritas por Oliveira (2005): “há necessidade de manter proximidade, há tristeza frente à separação, prazer e alegria na reunião e possibilidade de se obter na relação com o outro uma experiência de conforto e segurança” (p. 106).

Entrevistar minha tia foi algo fácil porque ela me ama e eu a amo, eu a conheço, respeito, valorizo e admiro, quero ouvir a sua história e o seu jeito de pensar a realidade, mesmo que haja pontos de vista diferentes. Por outro lado, sei como é difícil falar em nossa família, nós estamos acostumados a não falar, mas a viver. O silêncio, a reserva, o segredo é uma constante e temos medo de falar demais.

A entrevista de um familiar lhe põe de frente à realidade da vida de outra pessoa, porque a família muitas vezes parece um grupo, uma massa indistinta, mas cada um tem uma história e percebe a vida familiar de um modo próprio. Cada um é único, singular, irrepetível.

Em aula, uma colega comentou sobre a importância das tias dela em sua vida e Elaine falou que eram anjos bons. Também para mim, as minhas tias, inclusive a que não aceitou fazer a entrevista, foram e são anjos bons em minha vida.

Como nos leva a pensar Fonseca, Kirst, Oliveira, D'Ávila e Marsilac (2006), a presente pesquisa é um acontecimento:



“Não é possível marcar um lugar específico no tempo do encontro com aquilo que nos gera a vontade de saber e de criar um lugar no mundo ao qual iremos circunscrever nossa fala. A pesquisa não nasce; ela irrompe e nos mergulha em seu magma. De certa forma, podemos admitir que ela já existia em nós, em um diferente e especial estado contraído, e que já habitava a nuvem virtual e contínua de nossa própria duração, à espera de sua atualização; que a pesquisa, enfim, corresponde ao nosso próprio passado, grávido de muitos futuros e devires” (p. 656).

Essa pesquisa aconteceu e deu sentido pessoal aos conteúdos que vínhamos estudando, porque somos cientistas, mas também somos pessoas, seres relacionais, inseridos, incrustados em um ou vários contextos familiares.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, A. L. *Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento*. Tese não-publicada. PUC-SP. São Paulo: 2005.

FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G.; OLIVEIRA, A. M.; D'ÁVILA, M. F.; MARSILAC, A. L. M. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. *Em: Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 3. Maringá: set./dez. 2006, p. 655-660.

FOUREZ, B. Fratria: perspectivas históricas e societais. *Em: TILMANS-OSTYN, E.; MEYNCKENS-FOUREZ, M. (orgs.) Os recursos da fratria*. Belo Horizonte: Artesã, 2000.

RABINOVICH, E. P.; AZAMBUJA, R. M. da; SOUZA, C. B. S.; NEVES, S. D. (orgs.) *Nomes de família: subjetividade, genealogia, juridicidade e historicidade*. Salvador: Quarteto, 2013.

RABINOVICH, E. P.; LEAL, T. C. M.; REINA, V. S.; REIS, L. P. C. (orgs.) *Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos*. Curitiba: Juruá, 2013.

RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. M. S.; SOUZA, C. B. S.; TÔRRES, O. D. de S. (orgs.) *Nomes de família: nomeação, pertencimento e identidades*. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, 2011.

RABINOVICH, E. P. Apresentação. *Em: RABINOVICH, E. P.; LEAL, T. C. M.; REINA, V. S.; REIS, L. P. C. (orgs.) Família e poéticas da infância: relatos autobiográficos*. Curitiba: Juruá, 2013, p. 21-22.



RABINOVICH, E. P. Nomes, família e poética. *Em*: RABINOVICH, E. P.; SILVA, C. M. S.; SOUZA, C. B. S.; TÔRRES, O. D. de S. (orgs.) *Nomes de família: nomeação, pertencimento e identidades*. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, 2011, p. 8-23.

VALSINER, J. *Fundamentos de uma psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem* (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WEREBE, M. J. G.; NADEL-BRULFERT, J. (orgs.) *Henri Wallon*. São Paulo: Editora Ática, 1986.